1.º ANNO — Sabbado, 27 de junho de 1908 — Numero 19

O DEMOCRATA

ORGÃO SEMANAL DO PARTIDO REPUBLICANO NO DISTRICTO DE AVEIRO

DIRECTOR E REDACTOR
DR. ANDRÉ DOS REIS
REDACÇÃO—Rua Direita n.º 40

REDACTORES
Albano Coutinho, Dr. Fernandes Costa e Dr. Samuel Maia

ADMINISTRADOR
BERNARDO TORRES
ADMINISTRAÇÃO—Praça do Commercio

ASSIGNATURAS
Anno (Portugal e colonias) . . . . . 1$200 réis
Semestre . . . . 600 »
Trimestre . . . . 300 »
Avulso . . . . 30 »

Propriedade da Empreza d'O DEMOCRATA
Composto e impresso na Typ. Minerva Central de José Bernardes da Cruz
RUA TENENTE REZENDE—AVEIRO

ANNUNCIOS
Por linha . . . . 20 réis
Repetições . . . . 15 »
ANNUNCIOS PERMANENTES, contracto especial.

DESCENDO...

A monarchia está a liquidar. Não lhe bulâmos, nem precipitemos os acontecimentos. Os serventuarios da instituição repudiam o idolo agachando-se atraz dos adiantamentos illicitos que, ao principio, negaram haver sido feitos á familia real e agora confessam personalisando a quem esses adiantamentos aproveitaram.

A imprensa regeneradora-progressista, desorientada, não podendo desmentir a gravidade do delicto, em que os ministros prevaricadores incorreram, tergiversa com inhabilidade, procura suavisar a falta com argucias falhas de criterio.

O escandalo, porém, resiste impavido ás chicanas d'essa imprensa. Amaciem, se pódem, as arestas do crime, contornem em equilibrios de dialectica as protuberancias do monstruoso assalto aos cofres do Estado, os patronos dos delinquentes sahirão da lucta corridos pela indignação publica, pela colera do contribuinte anonymo, pelo referver das paixões da grande massa que trabalha e súa, que produz e tem fome, que anda rota, vive em pocilgas e morre ao desamparo.

O descaminho dos dinheiros publicos, insinuam agora os jornaes da situação, é uma futilidade! A corôa desdivinisa-se, embacia-se-lhe a aureola, sem os fulgores do ouro deslumbrarem os miseros servos d'esta gleba faminta.

Adiantamentos feitos ás occultas do parlamento, realisados ao leve aceno de um ministro! Que grande delicto! Já vimos ennunciada essa peregrina theoria! N'este declinar de incongruencias, que merecem o acatamento e a consagração dos famulos realengos d'alta e baixa stirpe, está synthetisada a vida d'um regimen.

Os expedientes dubios e equivocos, de que a monarchia se tem soccorrido ha annos para dilatar o folego esbarraram estrepitosamente na imprevidencia do ministerio João Franco. A obra d'este estadista veio descobrir em toda a sua nudez os lugubres alçapões por onde se escoavam os dinheiros publicos em proveito de uma familia privilegiada.

O pantano está a descoberto. E' necessario, pois, fazer toda a luz sobre o monstruoso attentado. O thesouro não teve administradores cautelosos, refractarios ao suborno e ás blandicias da côrte. Isto é um facto do dominio publico.

Emquanto ministros sem escrupulo, e sem dó pelas miserias do povo, adiantavam á familia dynastica e aos seus cortezãos fabulosas quantias, a mizeria faz cortejo de párias e abre negros sulcos nos cemiterios.

O fausto e a ostentação da realeza inebriam. Os corifeus embriagam-se na athmosphera das saturnaes, que nos custam centenas e centenas de contos.

Brito Camacho prova em pleno parlamento que em tres annos de governos pagou o povo só para cavallariças reaes **243:859$352!** Para illuminar os palacios dos reis, só as machinas electricas custaram **230 contos!** E um barracão para as mesmas **154 contos!**

Em mobilar o palacio da Ajuda para receber o rei de Hespanha, pagou o povo réis **117:282$535!** Para receber Eduardo VII gastámos réis **224:513$325!** Em trabalhos na quinta do Alfeite, pagámos só n'um anno **32:327$885 réis!** E só de aveia vendida rendia aquella quinta **4:500$** réis annuaes.

No palacio da Ajuda, em dez annos de adiantamentos, gastou-se em obras a bagatella de **386:589$978 réis!**

Só o papel para as cartas dos ministros custa por anno á nação a bagatella de **40 contos de réis!**

A monarchia liquida, na verdade. Mas deixa atraz um rasto de sangue, a pobreza, a fome e a mizeria, que hão de provocar um horror de tremendas conflagrações.

Viagem do rei

Parece estar definitivamente resolvida para breve uma viagem do snr. D. Manoel á capital do norte. Algures lemos tambem que o rei, seguindo o parecer de alguns conselheiros, visitará outras cidades do paiz.

Vae, pois, começar a folia, o regabofe, e o lealismo monarchico terá mais uma occasião de manifestar-se estrondosamente.

E, como com papas e bolos se enganam as creanças e os tolos, o snr. D. Manoel ha de, em frente das festivas manifestações, que vão preparar-lhe, acreditar facilmente que o povo portuguez adora as instituições vigentes, vive feliz e muito satisfeito com os homens do regimen.

Os cortezãos, embora o contrario saibam, hão de procurar convencer o rei de que isto tudo navega para a monarchia por sobre um mar de rosas.

E assim a ingenua creança, quando regressar a penates, depois de ter perigrinado por onde a quizeram levar, fará incontestavelmente dos sentimentos do paiz, com respeito á dynastia, uma ideia completamente diversa do que elles são na realidade.

Porque, como tal convém aos seus inconfessaveis interesses, sempre incansavel no trabalho de trazer o seu amo e senhor illudido, enganado, a gente da côrte e os engraixadores só lhe mostrando rosas, occultarão os espinhos.

Os aulicos entoar-lhe-hão hymnos triumphaes, promover-lhe-hão cortejos imponentes, bailes sumptuosos, récitas aparatosas e o mais que puder lisongear a vaidade da pequena magestade. Mas todas essas festas serão, como sempre, no fundo manifestações hypocritas, por falhas de sinceridade.

Vae o rei visitar o norte do paiz.

Atravessará, porém, as ruas d'essas terras, onde por dias ou horas se hospedar, guardado pelas bayonetas, vigiado de perto por uma enorme alluvião de policias e bufos e cercado unicamente pelo elemento official.

O povo olhal-o-ha com indifferença, que o seu antigo amor pelos reis passou á historia. E foram elles—os reis—que com os seus actos despoticos, com os seus crimes, com o seu desaffecto á patria—cavaram entre si e o povo o fundo abysmo onde, no seculo XX, hão de ir rolar todas as corôas.

O rei vae ser muito acclamado, dizem alguns jornaes.

Mas, se as instituições estão realmente seguras e podem resistir ao vento demolidor da Democracia, que sopra de toda a parte, para que todo esse bellico aparato que certamente se desenvolverá?

Se o povo portuguez é todo, ou na sua maioria, monarchico, não furtem o rei ao *seu* povo, não o sequestrem. Deixem que elle, livre de vós todos, venha ao meio das populações, porque ninguem em terras de Portugal ousará tocar com um dedo sequer n'essa infeliz creança.

Mas isso não o fareis. E não lh'o consentireis porque, pondo acima da vossa *lealdade* os vossos interesses, quereis conserval-o cego para que não comprehenda a critica situação em que se encontra a realeza em Portugal.

Será assim melhor? Talvez.

A celebre carta

Andaram no jogo da *cabracega*. O snr. Queiroz Vellozo, dizia que sim, o snr. Espregueira, ministro da fazenda, dizia que não. Dizendo tambem que não, veio em reforço o snr. Carlos Ferreira, creatura do snr. José Luciano.

Afinal todos faltaram á verdade. O snr. Espregueira havia-se esquecido da celebre carta que o snr. José Luciano lhe mandára, ordenando-lhe que abonasse do thesouro uns tantos contos de reis á sr.ª D. Maria Pia.

Reconsiderando, ou penitenciando-se da fraquesa, o snr. Espregueira veio emfim confessar que, com effeito, existia nos archivos do ministerio da Fazenda a tal carta. Em seguida, os acolitos que haviam ajudado á cruz o snr. Espregueira, vieram tambem auxilial-o e acompanhal-o ao Calvario, onde o deixaram.

Pelo visto, o snr. Espregueira não soffre da vertigem das alturas.

E', não é... Faz, não faz...

Isto não tem commentario. Nem a gravidade do assumpto permitte seguil-o com musica da *Grã-Duqueza*.

CARTA DE LISBOA

23 junho de 1908.

Ao que nós chegamos! Ao que nós chegamos!

Mas isto repugna, isto enerva o mais pacato dos mortaes.

Lama e mais lama. O regimen é um mar de lama.

E o sr. Ferreira do Amaral a arrastar o seu já limitado prestigio por essas aguas turvas!

Que degradação, que mizeria, que baixeza de processos!

E, querem que o paiz se fique a olhar para tudo isto, sem ter um estremecimento de nôjo!

Não póde ser, senhores, não póde ser.

O paiz está farto de farças e farçantes, e, actualmente, quando elle geme com fome, é d'uma loucura extrema insultal-o tão indignamente.

A presença de Espregueira na pasta da fazenda, é uma provocação ao paiz, tanto mais affrontosa, quanto está provado que esse homem devia estar na penitenciaria.

Ninguem diria que, depois dos acontecimentos de 1 de fevereiro, nós ficassemos peor do que nunca.

No entanto, a realidade é insophismavel, pois estamos, como nunca, sujeitos á politica fraudulenta de sempre, correcta e augmentada.

Os cofres publicos não são do Povo, mas sim da firma Luciano, Espregueira & C.ª, No entanto a gente pasma por vêr homens dotados de cynismo sufficiente para receberem em rosto, sem que um só nervo se lhes contraia, todas as provas dos seus crimes, e que, esses homens, ainda se deem o arrojo revoltante de quererem tomar a responsabilidade dos seus actos illegaes!

Mas, com que direito, ou por outra, qual é a lei que faculta a um criminoso tomar a *responsabilidade* dos seus crimes, perante um tribunal que o julga e condemna?!

Já se viu absurdo mais intoleravel?

Espregueira já não tem o direito de proferir uma só palavra de defeza; o tribunal da opinião publica já o condemnou, pela bocca de Affonso Costa.

Esse homem está morto, pessoal e politicamente.

Quem tentar defendel-o, rolará com elle no mesmo lodaçal.

Não lhe toquem, pois.

Ah, pobre Povo! desgraçado Povo! Olha bem para este espectaculo e dize-me o que sentes.

Tu andas semi-nú, esfarrapado, cahindo com fome, morrendo aos pedaços, e no entanto, estes homens não são dignos de te apertarem a mão calejada e negra.

A elles cobrem-n'os fardas reluzentes de ouro, recamadas de condecorações! A ti, desgraçado martyr, cobrem-te os negros farrapos da mizeria, que a elles deves.

Aquelle luxo que tu devisas entre um matagal de lanças, aquelle rosto florido, onde a desdita nunca fez pousada, onde o trabalho nunca teve albergue, toda essa turba-multa ociosa e inutil, são o cancro impiedoso que te mina a existencia, esse cancro que tu alimentas com retalhos da tua vida, que tu arrancas das profundezas da terra mãe, para lhe depôres nas suas mãos perdularias, ávidas do ouro alheio.

São esses os algozes que te querem cruxificar em vida, sem attenderem os teus gritos de piedade, subjugando-te a falta de pão e a ignorancia a que te levaram, fazendo d'ellas o escudo das suas lanças, para melhor alcançarem os seus fins.

Vamos! Levanta-te e protesta, de fronte erguida, se não queres que os teus filhos, n'um futuro proximo, te amaldiçoem,

como cumplice n'essa obra de bandidismo politico com que uma horda de famintos pretende liquidar o nome portuguez.

O tempo urge; pois cada dia que passa é uma bofetada a mais na tua dignidade.

Levanta-te, Povo! Levanta-te e protesta, se queres viver; de contrario morrerás ás mãos dos teus inimigos internos.

IGNOTUS.

Symphonia de Junho

As festas da noite de S. João, que a crença auroreal dos namorados enchem de suaves lendas e amorosos milagres, coincidindo como as festas pagãs com o solisticio do Verão, perdem-se na infinita noite dos tempos.

Conta Strabão que já os nossos velhos avós, os celtiberos, com fogueiras e cantares celebravam essa noite mysteriosa, cujo orvalho aformoseava as moças apaixonadas e dava vigor aos velhos como se lhes infiltrasse um novo e fecundante sangue.

Ainda, em nossos dias, essas crenças simples e candidas povoam a imaginação popular e quantas, quantas raparigas gentis terão esperado essa noite de folguedo para que, queimando as alcachofras, saibam da fidelidade do Bem Amado?...

Quantas, tomando o bochecho da agua cantante das fontes, esperariam que a voz prophetica do Acaso lhes revelasse o nome do futuro noivo?...

E quantos tambem, deitando uma clara d'ovo n'um copo de agua, ao bater da meia noite, procurariam ao romper do Sol, ver nas formas vagas que ella tomasse, o indicio certo da profissão d'aquelle que, quem sabe, já lhes teria feito estremecer o coração no languido enleio d'algum sonho d'amor?...

Quantas?...

Os corações amantes são tão cheios de preconceitos que a fé no sobrenatural n'elles vive muitas vezes mesmo contra o proprio raciocinio.

E bem feliz seria quem, toda a vida, podesse guardar essa ingenua illusão!...

***

Foi, por certo, este quente mez de Junho, de manhãs azues e tepidas em que o Sol evapora o rocio da cabelleira loura dos trigaes maduros, o que mais festejado tem sido.

Nos tempos heroicos da Grecia era agora que se celebravam os jogos olympicos, festas nacionaes em que se prestava culto á Belleza, á Força, á Dextreza e em que os arautos vestidos de purpura, perante os juizes coroados de louros, entregavam aos vencedores, como premio, uma simples corôa d'oliveira.

Sem valor intrinseco, em sua propria singeleza tinha uma grande significação gloriosa e bem alto era proclamado o nome da cidade em cujo recinto nasceram esses eleitos da Victoria, alguns dos quaes mereceram ser cantados pela musa lyrica do amavioso Pindaro e foram disputados pelas mulheres de mais peregrina belleza que, assistindo aos jogos, viam n'esses triumphadores a imagem viva d'algum heroe, filho do Zeus olympico.

Mas aonde esses festejos do privilegiado mez tiveram mais renome foi na antiga patria dos Pharaós, n'esse Egypto esphyngico que a innundação periodica do Nylo, hoje como ha milhões d'annos, fertilisa, trasbordando inchado pelas neves derretidas da Abyssinia, e em que a religiosa imaginação dos fellahs via as lagrimas fecundantes de Isis, que chorava a morte do divino esposo Isiris que, nas aguas turvas do rio, ia sendo levado até ao mar.

Como agora nos campos se accendiam as fogueiras e nas muralhas brancas da mysteriosa Memphys ellas erguiam ao ceu o seu clarão avermelhado, guiando os romeiros que vinham descendo na corrente do Nylo, em barcos engalanados, para assistir ás festas do templo de Ptah.

O cantico dos romeiros, acompanhado pelo som das pandeiretas sagradas, cortava o silencio da noite e o marulhar dos remos perdia-se ao longe, levado nas azas da aragem para o lado do grande deserto que a enygmatica Esphynge guardava.

***

Mas, no dia em que o *Democrata* vae sahir, quem haverá que se lembre ainda das fogueiras do Santo precursor, quanto mais dos jogos olympicos da Hellade pagã ou das festas imponentes dos fieis subditos dos magestosos Pharaós?

De quem, por certo, e por mal dos nossos peccados, nos não esquecemos é do snr. Espregueira, precursor dos *adiantamentos* e um dos *santos* varões da *folhinha* monarchica,canonisado pela maioria do rotativismo parlamentar, que, apezar de reu confesso, quasi lhe vae chamando *Virgem e martyr* como no Borda d'Agua, pela tuba sonorosa dos seus *leaders*.

Ainda bem que republicanos e dissidentes o teem arrastado pelas ruas da amargura e se as arestas agudas da Verdade ferissem tanto como as settas barbaras, elle com razão estaria mais chagado que S. Francisco ou mais martyrisado que S. Sebastião.

Infelizmente o martyr, o verdadeiro martyr, é o Paiz a quem os phariseus do Poder depois de lhe tirarem a camisa, arrancaram a pelle para remendar os arminhos da realeza, e cremos bem, que o snr. Ferreira do Amaral, apezar de bom marinheiro e quiçá bem intencionado, naufragará nas aguas turvas dos *adiantamentos*, euphemismo que doura a pillula das tranquibernias e dos assaltos aos cofres da nação.

Mas o snr. Espregueira é, como o S. João, apenas um precursor e, desgraçadamente, outros *santos varões* virão enfileirar na linha dos que, á custa do Povo, procuraram engrandecer o poder real, a maior sanguesuga do extincto reinado.

SAMUEL MAIA.

Chronica de Cacia

Monarchia e Republica

—E que dizer-te do interesse com que a *Republica Suissa* trata da instrucção do *Povo!* Para o avaliares basta que te diga que, tendo a Suissa pouco mais de metade da nossa população, dispende o seu orçamento, com a instrucção primaria, para cima de 8:000 contos de reis, emquanto que Portugal, sob o patrocinio da sua *generosa* monarchia, não chega a dispender 2:000 contos. Em compensação todo o cidadão Suisso sabe lêr e escrever e as escolas são lá verdadeiros palacios satisfazendo todas as exigencias da *Hygiene* e da *Pedagogia*, ao passo que entre nós tudo é miseria como o podes avaliar pelas escolas da nossa freguezia. Na Suissa a escola veste, calça e alimenta as creanças pobres, a quem a *Republica* não abandona até os transformar em cidadãos conscientes e aptos a ganhar a vida. Em Portugal os professores morrem de fome e, com respeito á assistencia ás creanças, nem fallar n'isso é bom. E se da Suissa passares para a «Republica Franceza» ou para a «Republica dos Estados Unidos da America do Norte» encontrarás o mesmo cuidado e desvelo pela instrucção e pelas creanças. Mas—perguntarás—porque motivo se preoccupam tanto as republicas com a instrucção do Povo? A resposta é simples: E' por que baseando-se a *Republica* no exercicio insophismavel da Soberania Popular, esta só deixará de ser um mitho quando exercida por cidadãos conscientes e illustrados. De contrario, a *Republica* não passaria d'uma monarchia mais ou menos mascarada com a aggravante de comprometter a *Instituição*.

E' por comprehender isto que o *Partido Republicano Portuguez*, com uma abnegação sem limites e digna de todo o elogio, se empenha em fundar escolas e bibliothecas gratuitas, que hoje já funccionam ás centenas por todo o paiz, ministrando instrucção ao *Povo* com grande arrelia de monarchicos e reaccionarios. Na nossa freguezia, como sabes, fundou a respectiva *Commissão Parochial Republicana* uma escola para adultos, a qual magnificos resultados está dando não só sob o ponto de vista da educação civica, como tambem sob o da instrucção em geral.

E' uma obra verdadeiramente meritoria e philantropica que todos os nossos patricios devem coadjuvar com o seu concurso moral e material provando assim com factos o amor á terra que lhes foi berço.

Mas já que te fallei na nossa freguezia, vejamos o que, sob o ponto de vista da instrucção, ella deve á monarchia. Se consultares o *Censo da população em 1900*, vês que em toda a freguezia de Cacia existem 2:513 habitantes, dos quaes só 505 sabem lêr e escrever, ou sejam 20 p. c. Isto é, depois de 80 annos de monarchia constitucional em que a divida publica se elevou á estupenda importancia de 800:000 contos de réis e os impostos arrancados á miseria do Povo se aggravaram pela fórma que todos nós sabemos, o problema da instrucção publica, a despeito de tantos sacrificios da Nação, ainda continua insoluvel, como bem o demonstra o facto de, só na nossa freguezia, em cada 100 habitantes existirem 20 que sabem lêr e escrever e 80 mergulhados na mais profunda ignorancia. Onde se gastou, pois, tanto dinheirinho? Em escolas? Não! Para onde o sumiu então a monarchia, visto que nos escasseiam os melhoramentos materiaes? Sumiu-o nas mil e uma roubalheiras em que se atascou o regimen e a que agora é uso chamar-se *adiantamentos*.

Ora nada póde haver peor para um *Povo* do que a sua ignorancia. Um *Povo* analphabeto é sempre victima da escravidão politica e economica. Da escravidão politica porque não tendo nenhuma noção de civismo, isto é, dos seus direitos e deveres como cidadão, facilmente abdica da sua personalidade, hypothecando a sua consciencia ao primeiro *cacique* monarchico ou galopim que lhe appareça e dispõe d'elle, como de qualquer irracional. D'ahi todos os abusos do *Poder* e das oligarchias que o rodeiam por não haver uma forte *consciencia nacional* que se lhes contraponha, o que deu como resultado a miseranda situação a que chegou Portugal.

E' victima da *escravidão economica*, porquanto as suas aptidões, não sendo valorisadas pela instrucção, resultam inaproveitaveis ou mal remuneradas como t'o prova a colonia portugueza domiciliada no Brazil, que na lucta pela vida é batida a cada passo pelas colonias italiana, allemã e outras mais illustradas, e, portanto, mais preparadas para os diversos ramos da actividade humana.

Antigamente o portuguez ía para o Brazil e, como não tinha ninguem mais illustrado do que elle a fazer-lhe concorrencia, facilmente fazia fortuna. Hoje não acontece assim. Dos portuguezes que emigram para Terras de Santa Cruz, uns não arranjam collocação devido á sua ignorancia e voltam desilludidos para o reino; outros, se o conseguem, é nas profissões mais humildes e, portanto, pouco remuneradas como carregadores carroceiros e catraeiros, etc., visto que as collocações e actividades mais rendosas demandam conhecimentos e estas estão monopolisadas pelas outras colonias. Ahi tens, na pratica, as consequencias da falta de instrucção que hontem, hoje e sempre, constituirá o mais importante problema que a *Republica Portugueza* terá de resolver.

Aido de Cima.

NOTICIARIO

Má lingua

Os «francaceos» berram agora que os cordões da Avenida do Loureiro, vão tortos, sem cota de nivel e cobertos de todos os defeitos.

Não é tanto assim. Pessoa auctorisada, que consultámos, diznos que o defeito vem d'alguns predios estarem fóra da cota de nivel, e por isso a razão d'aquella pequena differença.

Mas a sério. Bem ou mal, está feito e a obra acabada. Por que é que os senhores a não fizeram com todas as cótas e *cótinhas* de niveis?

Só palavreado e nada mais.

Sejamos todos justos e imparciaes e mais patriotas em questões de melhoramentos.

O sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto, para nós, como incansavel trabalhador e engrandecedor de Aveiro, merece todo o nosso respeito e admiração. Acima de tudo a consciencia.

Excursão

Consta-nos que a direcção da Sociedade Recreio Artistico tenciona para agosto fazer uma excursão a Espinho, com bilhetes de abatimento a todos os socios, compensando assim a differença do preço o que deviam gastar com o passeio ao Vouga.

O banho santo

A aprazivel praia do Pharol foi este anno muito concorrida de forasteiros que para ali seguiram a tomar o tradicional banho santo.

Este banho livra de sezões depois de morto, mas tem a vantagem de refrescar a epiderme e ser bastante hygienico.

Folhetim d'O DEMOCRATA

CARTILHA DO POVO

POR

JOSÉ FALCÃO

Segundo encontro de José Povinho com João Portugal

(Continuação do n.º 17)

Quando eu comecei a ganhar com a enxada, havia abundancia e alegria na nossa familia. Chegou o dia de eu ser apurado para soldado. A minha gente esperava que eu ficasse livre, porque meu pae dava sempre o voto ao administrador, com a promessa que lhe fizeram de eu ser livre, em entrando nas sortes. Fui á inspecção quando fiz os 21 annos, e fiquei apurado para soldado! A minha mãe, que estava á porta do governo civil, quando lhe trouxeram a noticia, cahiu, como se fosse assombrada por um raio. Trouxeram-na para casa como morta, e em 12 horas não deu signal de si. Quando voltou á vida tinha os olhos tão medonhos, que ninguem a conhecia. A pobre creaturinha estava doida! Os medicos disseram que ella não voltava ao seu juizo, se não lhe trouxessem para alli o filho. Meu pae vendeu a horta; vendeu o cordão, que estava destinado ao pescoço da minha irmã no dia do seu casamento, e assim arranjaram um homem por mim. Eu voltei, mas para vêr a minha mãe doida, e o meu pae pobre, cada dia mais triste, até que a morte o levou. A minha pobre mãe anda por esses montes esfarrapada, e a uivar que parece uma loba. A minha irmã foi servir porque o noivo já a não quiz, e agora tem uma vida, que melhor lhe fôra andar por esses montes como a nossa mãe. Ah! malditos sejam aquelles que precisam de soldados para a guerra.

João Portugal

O dinheiro da horta de teu pae, e do cordão de tua mãe foi comido nas festas da realeza. Se tens ouvidos para ouvir os uivos da pobre louca; se tens coração para te lembrares de teu pae morto; se tens alma para sentires as saudades de tua irmã perdida, vae, chama os teus irmãos do Povo, conta-lhes as tristezas da tua vida, e juremos todos seguir a bandeira da Republica, que nos ha de livrar de todas estas maldições.

Terceiro encontro de João Portugal e José Povinho

João Portugal

Adeus, José, tens dito aos nossos irmãos para votarem só nos republicanos?

José Povinho

Tenho: mas o Povo quer saber se a Republica é mais barata.

João Portugal

Em havendo Republica não temos de pagar á realeza quinhentos e setenta e dois contos de réis por anno, fóra os extraordinarios. Não temos de pagar á gente da côrte mais de cem contos de réis. Não temos de pagar cinco mil contos de réis ao exercito, que é quasi tudo comido pelos generaes e outros figurões, sem termos exercito, como te expliquei o outro dia. Em o Povo governando, com metade d'aquelle dinheiro temos um exercito tão bom como a Republica da Suissa.

José Povinho

Mas talvez essa nação não tenha tanto a temer dos visinhos, como nós.

João Portugal

Pelo contrario. A Suissa é cercada das maiores nações do mundo, onde tem havido grandes conquistadores cubiçosos. Pois fica sabendo que a Suissa com metade da gente que ha em Portugal, e com metade da despeza que nós fazemos, tem um exercito de duzentos mil soldados.

José Povinho

Mas então não fica ninguem para trabalhar nos campos.

João Portugal

Pelo contrario. Cada rapaz em chegando á idade, quer seja rico quer seja pobre, vae servir uns tantos mezes, até aprender bem o exercicio, e depois volta para sua casa. Só quando acabam as colheitas é que lá volta quinze dias por anno, para não deixar esquecer o que aprendeu.

José Povinho

Em o Povo sabendo d'isso, não ha ninguem que não seja republicano.

João Portugal

Para tu veres como a Republica é differente da monarchia, basta dizer-te que quando os rapazes vão assentar praça é uma romaria das aldeias para os quarteis; vão as mães e as noivas a acompanhal-os em grandes descantes, como se fosse uma festa. E' porque sabem que no fim de dois ou tres mezes estão outra vez juntos, como se nunca se tivessem separado.

José Povinho

Ai! Provera a Deus que Portugal fosse uma Republica como a Suissa, que não estaria a minha horta vendida, a minha mãe doida, o meu pae morto e a minha irmã... sabe Deus aonde...

João Portugal

A gente não vive só para si; deve tambem pensar nos seus filhos e nos seus vindouros. A obrigação d'um homem é trabalhar para que os seus netos tenham melhor sorte do que a sua.

João Affonso

Um nosso patricio residente em Lisboa informa-nos de que alguns aveirenses moradores na capital, pensam em abrir uma subscripção para com o seu producto se erguer, em qualquer largo de Aveiro, um monumento á memoria do celebre navegador João Affonso.

Para esse fim já se reuniram alli, devendo em breve communicarem as suas deliberações ao snr. presidente da camara municipal d'este concelho.

Nomeação

Foi nomeado official de deligencias do juizo de paz da freguezia da Gloria, o sr. João Rodrigues Pereira.

Marinhas de sal

Só agora começam a ser *botadas* para a fabricação d'este importante genero, uma das principaes fontes de receita da nossa terra.

Foi devido ao mau tempo que tem feito que só agora se começa a fabricar.

Agradecimento

O snr. Domingos João dos Reis pede-nos para, em seu nome, agradecermos todos os obsequios que lhes foram prestados por varias pessoas tanto de Aveiro, como de fóra, a fim de conseguir a captura dos touros que em a noite de terça-feira ultima se tresmalharam ao sahir da praça do Rocio.

Ahi fica deferido o pedido, que gostosamente attendemos.

O Zé Ferrador

Na tarde de segunda-feira, ouviram-se na rua do Caes afflictivos gritos de soccorro, accudindo muita gente e os policias n.os 21 e 30. Gritava o Zé Ferrador que tinha sido violentamente maltratado por um individuo, cujo nome não apurámos, o qual lançando com toda a força um copo á cara do pobre Zé o deixou escorrendo sangue. Zé foi curar-se ao hospital e o aggressor, apanhado em flagrante, dormiu essa noite na esquadra e vae responder em processo de policia correccional, a fim de receber o devido correctivo.

Touros

Depois de um trabalho insano e de enormissimas despezas, o sr. Domingos João dos Reis, digno emprezario da praça d'esta cidade, conseguiu alfim metter nas pastagens da Gafanha de Vagos, todos os touros que, ha dias, se tresmalharam ao sahir do redondel do Rocio.

Os prejuizos causados pelo gado foragido nos campos foram insignificantes, ao contrario do que ahi affirmaram alguns collegas da localidade.

Consta-nos que o snr. Reis vae proceder judicialmente contra os selvagens que, na Gafanha da Encarnação, lhe mataram um dos touros, que para ali se evadiu da pastagem onde se encontrava.

Corpus Christi

Effectuou-se na quinta-feira p. p., n'esta cidade, a procissão do Corpo de Deus, na qual costuma figurar o alentado S. Christovam, que attrae aqui grande numero de forasteiros.

No prestito religioso encorporou-se toda a força do esquadrão de cavallaria e bem assim o regimento de infanteria n.º 24, que no Largo do Terreiro deu as descargas do estylo. Durante o dia esteve Aveiro muito movimentado, posto que este anno fosse mais diminuta a concorrencia de gente dos nossos arredores.

Corrida de touros

Realisa-se ámanhã a segunda corrida da epoca, havendo para ella grande enthusiasmo tanto em Aveiro como nas localidades circumvisinhas. O gado bravissimo, que vae ser lidado, e os nomes que figuram no «cartel» convidam effectivamente a esse enthusiasmo. José Casimiro d'Almeida, o insigne cavalleiro, Jorge Cadete, Theodoro e Saldanha são artistas consagrados na arte de Montes e, decerto, darão á lide todo o esplendor.

Estamos convencidos de que a praça vae tornar-se pequena, attendendo aos numerosos pedidos de bilhetes feitos já á empreza, tanto de Aveiro, como de Ovar, Espinho, Agueda, etc.

A' los toros, niños!

Registo civil

Na administração do concelho d'Agueda, effectuou-se ha dias o registo civil d'um casamento, em que foram nubentes Augusto Joaquim de Oliveira Pinto e Ernestina Rosa de Miranda, da freguezia de Aguada de Cima.

Afilamentos

Finda na proxima terça-feira o praso legal do afilamento de pezos e medidas. Vae a lembrança aos retardatarios, para que não incorram na respectiva multa.

Dito do fim

Um sujeito ameaça a namorada de lhe publicar as cartas.

—Póde fazel-o, disse ella, não teem nada que me envergonhe a não ser o endereço.

Homeopathia Real

De Bruno, em transcripção da revista *Portugal e Brazil*, publicação de S. Paulo:

«Dando de barato que os sete primeiros duques de Bragança fossem de origem puramente portugueza, temos:

D. João 4.º, o Restaurador (que nada restaurou), casou com a hespanhola D. Luiza de Gusmão (1.ª dinamisação).

D. Pedro 2.º — portuguez, hespanhol—casou em segundas nupcias com a palatina D. Sophia (2.ª dinamisação).

D. João 5.º — portuguez, hespanhol, bavaro — casado com D. Maria d'Austria (3.ª dinamisação).

D. José 1.º—portuguez, hespanhol, bavaro, austriaco—casou com D. Maria Victoria, de Castella (4.ª dinamisação).

D. Maria 1.ª—portugueza, duas vezes hespanhola, bavara, austriaca—casou com seu tio D. Pedro, e de mais a mais padre! casamento incestuoso e irrito (5.ª dinamisação).

D. João 6.º—portuguez, 2 vezes hespanhol, bavaro, austriaco—casado com a hespanhola D. Carlota Joaquina (6.ª dinamisação).

D. Pedro 4.º—portuguez. 3 vezes hespanhol, bavaro, austriaco—casou com D. Leopoldina d'Austria (7.ª dinamisação).

D. Maria 2.ª — portugueza, 3 vezes hespanhola, bavara, 2 vezes austriaca—casou com D. Fernando, de Saxe-Coburgo (8.ª dinamisação).

D. Luiz 1.º—portuguez, 3 vezes hespanhol, bavaro, 2 vezes austriaco, italiano, allemão—casou com D. Maria Pia de Saboia (9 dinamisação).

D. Carlos 1.º—portuguez, 3 vezes hespanhol, bavaro, 2 vezes austriaco, italiano, allemão—casou com D. Amelia, franceza (10.ª dinamisação).

D. Manuel 2.º—portuguez, 3 vezes hespanhol, bavaro, 2 vezes austriaco, italiano, allemão, francez (11.ª dinamisação).

Que restará pois, de sangue portuguez ao actual rei? Suppondo mesmo que em cada enlace a qualidade existente em cada progenitor se reproduzisse no descendente dividida por 2, teremos que o rei reinante possuirá $\frac{1}{512}$ ávos de sangue portuguez, quando muito; o serum, e este mesmo sem saes nem albumina. Agua e nada mais, sem valor nem utilidade».

Agora, vesperas da commemoração da guerra da independencia, quando o renascimento se esboça sacudindo a velha alma lusitana, bom será que, aquelles *bravi*, que com a santa palavra—patria enchem a bocca e o ventre, leiam e o fiquem sabendo: D. Manoel 2.º, rei de Portugal, não é portuguez. Nem com uma gota de sangue, nada que seja o nosso ramo etnico. Producto da mais degenerescente panmixia, biologicamente, historicamente, D. Manoel 2.º rei de Portugal;—*não é portuguez!* Ora vejam os patrioticos!...

COMMUNICADO

Meu presado amigo e correligionario André Reis

Tendo apparecido no ultimo numero da *Vitalidade*, um artigo com umas insinuações calumniosas, que se prendem com a minha dignidade profissional, venho pedir-lhe a fineza de publicar no *Democrata*, essa meia duzia de linhas com que me defendo, do tal figurão que o escreveu.

Sarrazolla, 23—6—908.

A. Marques da Costa.

* * *

No ultimo numero da *Vitalidade*, vimos, com espanto e nôjo, que um thalassa qualquer, nos vinha fazer insinuações calumniosas, querendo envolver-nos em questões politicas locaes, com que nada temos, e isto porque o ex.mo snr. Henrique da Costa, justificou a sua falta, na sessão camararia do dia 17, com um attestado passado por nós.

Vem então esse thalassa, mentindo descaradamente, declarar que o snr. Henrique da Costa, no referido dia 17, tinha partido para os Cucos, com perfeita saude, quando a verdade é que aquelle cavalheiro sómente partiu para as referidas thermas no dia 22 do corrente.

Medindo naturalmente pela mesma craveira da sua, a nossa dignidade, tira a conclusão de que o nosso attestado é menos verdadeiro, porque no mesmo, quando escrevêmos, não póde comparecer na sessão do dia 17, a seguir não mencionámos a doença.

Desculpe-nos a expressão, mas é burro!

Fique sabendo que não conhecemos lei nenhuma que nos obrigue a mencionar doença em taes attestados, pois passando-os na nossa qualidade de medico, implicitamente todos comprehendem que é por motivo de doença, exceptuando os burros, ou mal intencionados que tem por habito ferir a dignidade alheia.

Passámos o attestado ao snr. Rodrigues da Costa, porque, sendo nós o seu medico e de sua familia, desde que fomos nomeado medico municipal do partido de Cacia, não deviamos negar-lh'o, quando é certo que á data, em que nos foi pedido, o andavamos tratando de doença, que na nossa opinião justificava o mesmo, reconhecendo sómente em collegas nossos a competencia de julgar da justiça com que foi passado.

Devemos, porém, affirmar aqui d'uma maneira bem nitida, que se o snr. Henrique da Costa, depois de lhe termos passado o attestado, tendo completo desprezo pela sua saude, se arriscasse a seguir no mesmo dia 17 para os Cucos, indo contra a nossa prescripção, nós nada tinhamos que vêr com isso, nem tão pouco o nosso attestado deixava de ser verdadeiro, pois que a nossa opinião como seu medico assistente, é que não devia sahir de casa.

Não seguiu, porém, para os Cucos, como acima affirmamos e facil nos é provar, tendo portanto o thalassa mentido.

Se a não comparencia d'este vereador na referida sessão, podia desagradar a alguem politicamente, com isso nada temos, pois nenhuns laços politicos nos ligam a qualquer dos partidos, a que pertencem os cavalheiros que constituem actualmente a vereação da camara municipal d'Aveiro, pois todos sabem que estamos filiado no Partido Republicano.

Se mantemos boas relações pessoaes com o ex.mo sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto, com cuja amizade nos honramos, politicamente seguimos caminhos diversos, pelo que o tal thalassa mais uma vez mente, quando declara *que sómos da casa.*

Não queremos terminar sem nos referirmos ao attestado que tambem passámos ao sr. Manoel Gonçalves Netto, que, ninguem em Aveiro ignora, tem soffrido um ataque de rheumatismo articular agudo, tendo sido seu assistente o nosso collega Zeferino Borges, com quem por algumas vezes nos encontrámos a visital-o.

Tendo nós fallado no dia 16 do corrente com o sr. Netto, e dizendo-nos aquelle cavalheiro que ia pedir, ao collega Zeferino, attestado para não comparecer á sessão do dia 17, para tal fim nos offerecemos, convencidos da justiça com que era passado, unicamente para lhe poupar o incommodo de mandar procurar o nosso collega para esse fim.

Sarrazolla, 22 de junho de 1908.

Antonio Maria da Cunha Marques da Costa.

HORARIO DOS COMBOIOS

PARTIDAS DE AVEIRO	CHEGADAS A LISBOA
8,36 da m. (omnibus)	5,7 m. da tarde
10,6 m. da m. (rapido)	2,38 m. da tarde
4,37 m. da t. (omnibus)	11,58 m. da naite
6,14 m. da t. (rapido luxo)	10,48 m. da noite
10,55 m. da n. (correio)	6,25 m. da manhã
12,16 m. da t. (tramway)	Chegada á Figueira ás 3,38 t.

PARTIDAS DE AVEIRO	CHEGADAS AO PORTO
3,54 m. da m. (tramway)	6,32 m. da manhã
5,45 m. da m. (omnibus)	7,47 m. da manhã
11 h. da m. (tramway)	1,51 m. da tarde
2,5 m. da t. (rapido luxo)	3,22 m. da tarde
5,34 m. da t. (omnibus)	7,46 m. da tarde
9,55 m. da n. (rapido)	11,19 m. da noite
10,23 m. da n. (omnibus)	12,26 m. da noite

ANNUNCIOS

Arrematação

(1.ª PUBLICAÇÃO)

No dia 12 do proximo mez de julho, pelas 11 horas da manhã, e á porta do tribunal judicial de esta comarca, se ha de proceder, pela segunda vez, á arrematação em hasta publica, pelo maior lanço offerecido acima da quantia de 160$000 réis, conforme a deliberação do conselho de familia no inventario orphanologico a que se procedeu por obito de Joaquim Maria dos Reis Santo Thyrso, morador que foi n'esta cidade, em que é inventariante Domingos João dos Reis, d'esta mesma cidade, do seguinte predio:

Uma terra lavradia, sita na Cova do Lobo, proximo do Lila, estrada que vae para Ilhavo.

Toda a contribuição de registo e despezas da praça serão por conta do arrematante.

Pelo presente são citados quaesquer credores incertos para assistirem á arrematação, querendo.

Aveiro, 16 de junho de 1908.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,
Ferreira Dias.

O escrivão do 5.º officio,
Manoel Cação Gaspar.